LIVROS DE POEMAS

QUINHENTISMO

- poema :Á VIRGEM;
de São José de Anchieta

Ó doce chaga, que repara os corações feridos, Abrindo larga estrada para o Coração de CRISTO. Prova do novo amor que nos conduz a união! (Amai uns aos outros como EU vos amo) Porto do mar que protege o barco de afundar! Em TI todos se refugiam dos inimigos que ameaçam: TU, SENHOR, és medicina presente a todo mal! Quem se acabrunha em tristeza, em consolo se alegra: A dor da tristeza coloca um fardo no coração! Por Ti Mãe, o pecador está firme na esperança, Caminhar para o Céu, lar da bem-aventurança! Ó Morada de Paz! Canal de água sempre vivo, Jorrando água para a vida eterna! Esta ferida do peito, ó Mãe, é só Tua, Somente Tu sofres com ela, só Tu a podes dar. Dá-me acalentar neste peito aberto pela lança, Para que possa viver no

BARROCO

"A Lâmpada do Sol tinha encuberto, Ao Mundo, sua luz serena e pura, E a irmã dos três nomes descuberto A sua tersa e circular figura. Lá do portal de Dite, sempre aberto, Tinha chegado, com a noite escura, Morfeu, que com subtis e lentos passos Atar vem dos mortais os membros lassos."

(Trecho da obra "Prosopopeia" de Bento Teixeira)

ARCADISMO

-Manuel Maria Barbosa du Bocage

Olha Marília, as flautas dos pastores, Que bem que soam, como são cadentes! Olha o Tejo a sorrir-se! Olha: não sentes Os Zéfiros* brincar por entre as flores?

Vê como ali, beijando-se, os Amores Incitam nossos ósculos ardentes! Ei-las de planta em planta as inocentes As vagas borboletas de mil cores!

Naquele arbusto o rouxinol suspira; Ora nas folhas a abelhinha pára. Ora nos ares sussurrando, gira.

Coração do meu SENHOR! Entrando no âmago amoroso da piedade Divina, Este será meu repouso, a minha casa preferida. No sangue jorrado redimi meus delitos, E purifique com água a sujeira espiritual! Embaixo deste teto (Céu) que é morada de todos, Viver e morrer com prazer, este é o meu grande desejo.

ROMANTISMO

-Álvares de Azevedo

Que alegre campo! Que manhã tão clara! Mas ah! Tudo o que vês, se eu não te vira, Mais tristeza que a morte me causara.

Amor Amemos! Quero de amor Viver no teu coração! Sofrer e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na tu'alma, em teus encantos E na tua palidez E nos teus ardentes prantos Suspirar de languidez!

Quero em teus lábio beber Os teus amores do céu, Quero em teu seio morrer No enlevo do seio teu! Quero viver d'esperança, Quero tremer e sentir! Na tua cheirosa trança Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela, Minha'alma, meu coração! Que noite, que noite bela! Como é doce a viração! E entre os suspiros do vento Da noite ao mole frescor, Quero viver um momento, Morrer contigo de amor!

REALISMO

-Aluísio Azevedo;poema; O cortiço

“Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.”

NATURALISMO

poema;O Mulato ; Aluísio de Azevedo.

CAPÍTULO 1

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes, as paredes tinham reverberações de prata polida;

as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho.

Parnasianismo

Olavo Bilac; Trecho selecionado de Crônicas e novelas de Olavo Bilac – O crime – carta de Jacques.

... Fui abrir. E Barbosa precipitou-se no quarto com a fisionomia torcida de terror, alucinado. Abraçou-se a mim, chorando. Tonto ainda de sono, fiquei sem compreender cousa alguma. Ele chorava, sem poder falar, sufocado pelo choro. Afinal, sempre pude entender: Otávio assassinara a mulher. Contou-me os pormenores. De manhã, não se podendo conter, fora rondar-lhe a casa. Havia muita gente à porta. Disseram-lhe que o Dr. Otávio matara a mulher a tiros de revólver; que já fora preso; que a polícia tomara conta da casa. Vesti-me não sei como, corri para lá. Dois soldados à porta não me queriam deixar entrar: empurrei-os, subi a escada a quatro e quatro.

Na sala, guardado pela polícia, o corpo estava no chão, estendido sobre o tapete. Nenhuma pessoa da família: Otávio preso, e a tia, naturalmente, ainda ignorando tudo. Ema estava vestida de branco, como naquela radiante manhã de domingo, quando a vi pela primeira vez, a bordo. Colavam-se-lhe à testa os cabelos, empastados. Aberto no peito, o vestido deixava sair um seio moreno, rijo e curvo como um bloco de ouro, todo listrado de sangue. Sob as pálpebras arregaçadas, os seus olhos negros, os seus grandes olhos profundos fixavam-me e

Da vida aos frios véus da sepultura Vagos momentos trêmulos decorrem... E dos olhos as lágrimas escorrem Como faróis da humana Desventura. Descem então aos golfos congelados Os que na terra vagam suspirando, Com os velhos corações tantalizados. Tudo negro e sinistro vai rolando Báratro a baixo, aos ecos soluçados Do vendaval da Morte ondeando, uivando...

Pré-modernismo

poema;Eu- Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão — esta pantera — Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

Modernismo

poema;No meio do caminho- Carlos Drummond de Andrade

"No meio do caminho tinha uma pedra Tinha uma pedra no meio do caminho Tinha uma pedra No meio do caminho tinha uma pedra. Nunca me esquecerei desse acontecimento Na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho Tinha uma pedra Tinha uma pedra no meio do caminho No meio do caminho tinha uma pedra."